

SAMUEL BECKETT E OS IMPASSES DA LINGUAGEM. Luciana Cristina Campos. – Orientador: Peter James Harris - Letras – Departamento de Letras Modernas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Campus de São José do Rio Preto.

Marco na dramaturgia do século XX, a peça *Waiting for Godot* (1953) de Samuel Beckett (1906-1989) rompe com os parâmetros aristotélicos estruturais do drama e revoluciona a estética teatral do ocidente. Primeiramente encenada em Paris com a direção de Roger Blin, a peça narra a história de Vladimir e Estragon, dois vagabundos que esperam por um certo senhor Godot, cuja identidade não nos é revelada. Junto a uma árvore, em uma estrada deserta, todos os dias, eles esperam pontualmente por Godot que insiste em não aparecer. Dada essa situação insólita, cujo nó dramático não permite peripécia, desfecho ou catarse, a espera e angústia das personagens repetem-se *ad infinitum*, como no mitológico trabalho de Sísifo. A circularidade da ação, bastante semelhante no primeiro e no segundo ato, fornece a sensação de que nada acontece e que o grande tema da peça é a espera. Assim, as personagens balizam seu comportamento sob o signo da incerteza e da instabilidade, tentando equilibrar-se na corda bamba de diálogos infrutíferos.

A obra do poeta, romancista e dramaturgo irlandês tem por centro uma obsessão pela linguagem e um modo peculiar de construção dramática diverso de outros autores da sua época. Os contatos entre o teatro e a prosa do autor irlandês vão muito além do emudecimento e da afasia cada vez maior, e são visíveis, sobretudo na comparação entre o romance *Mercier et Camier* (publicado em 1970, mas escrito entre 1946 e 1947 – e a peça *Waiting for Godot* (1953), escrita na virada de 1948 para 1949). Com os dois velhos amigos que dão título à obra, Beckett anuncia os personagens de Godot. Mercier et Camier ainda procuram algo, enquanto Vladimir e Estragon apenas esperam, como se estivessem cansados da caminhada daqueles que os antecederam.

Restringindo à sua produção como dramaturgo, em especial à obra *Waiting for Godot* verificamos que as personagens falam de maneira descontínua, inconsistente, banal. As palavras não têm um sentido bem seguro; não é fácil e eficiente a comunicação. A fala atesta a impossibilidade de realização da ação, bem como a disparidade entre o que se fala e sua ação correspondente. Deste modo, verificamos que a palavra e o diálogo no teatro contemporâneo apresentam-se de forma diferente daquela presente na tradição. As necessidades de ruptura com a moldura naturalista de teatro e a negação do espaço euclidiano rompem por completo com o modelo clássico. De acordo com Anatol Rosenfeld, o diálogo racional – base do teatro tradicional – se afigura obsoleto e desautorizado quando se pretende apresentar impulsos inconscientes, por definição, inapreensíveis pela comunicação interindividual. Há um esforço consciente desta natureza perturbada e perturbadora da forma dramática, em franca ruptura com a tradição, em diversas passagens. Os esforços empreendidos por Didi e Gogô traduzem-se em diálogos que tentam buscar a todo tempo, uma maneira de se livrar ou, ao menos, remediar a situação. Estratégia para camuflar a mínima margem de ação das personagens, os diálogos reduzem-se a rotinas que encobrem a dificuldade de passagem do tempo, hábito ao qual se afeiram em vista de ausência de alternativas.

A linguagem em Beckett investiga as limitações e as dificuldades que ela tem para se constituir como elemento capaz de expressar as incertezas e a situação do homem contemporâneo. O empobrecimento do vocabulário, a descontinuidade dos diálogos, a imprecisão de alguns termos, o uso e abuso das repetições e paralelismos da oralidade, a sintaxe muito próxima da fala cotidiana são algumas das características presentes na peça. Nesse sentido, nossa pesquisa tem por objetivo investigar as formas de organização do diálogo e de que modo o escritor irlandês instaurou uma nova configuração dramática, cuja forma estrutura-se em falas até chegar ao mais absoluto silêncio.

Como demonstração de mecanismos lingüísticos construídos pelo dramaturgo para alcançar a forma desejada, tem-se principalmente a repetição, a imprecisão e/ou deformação das palavras e a descontinuidade dos diálogos. Beckett se utiliza de várias mudanças estruturais e lingüísticas ao longo da peça para imprimir na dramaturgia a dificuldade de comunicação e os impasses da

linguagem. Nesse sentido, a repetição apresenta-se como um recurso amplamente empregado pelo autor ao longo da peça. Tal artifício apresenta-se em vários níveis e situações, indo da escolha das palavras até a estrutura binária na qual a peça se desenvolve. Deste modo, a repetição apresenta-se como veículo reiterador da inócua espera por Godot. A descontinuidade do diálogo apresenta-se na falta de seqüência, na passagem de um para outro assunto, nas interrupções freqüentes que testemunham a dificuldade de comunicação. Cada palavra, frase ou mesmo pensamento dirigido ao seu interlocutor, gera um descompasso entre o que é dito e o que é compreendido pelo outro. A imprecisão dos termos e deformação dos vocábulos reforça a idéia da linguagem para a comunicação. É, pois a insegurança, dúvida, a instabilidade de tudo – atmosfera da peça. No que se refere à deformação dos termos, é a maneira de por em derrisão não apenas da linguagem como instrumento de comunicação, mas sobretudo a existência. Pode-se dizer que, em Beckett, é o mesmo gesto que, simultânea e paradoxalmente, nega e afirma, mostra e subtrai, traça e apaga. Este duplo gesto abre espaço para os múltiplos apagamentos operados pela dramaturgia posterior de Beckett.